

A ARTE E A REPRESENTAÇÃO NO TEMPO HISTÓRICO: UMA RESENHA DA OBRA (DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, 328p).

Elaine Cristina Senko Leme¹

Georges Didi-Huberman (1953-), professor da L'École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, estudioso da interligação entre estética, filosofia e história da arte, destaca-se com a presente obra *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens* ao mesclar História da Arte e Teoria da História. Obra recém traduzida da língua francesa para a portuguesa pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais, esta importante referência anuncia uma arqueologia do tecné de análise da arte pelo olhar de três eruditos: Aby Warburg, Walter Benjamin e Carl Einstein.

Na abertura da obra intitulada *A História da Arte como disciplina anacrônica*, Didi-Huberman aponta que o historiador da arte deve compreender o trabalho imagético num eixo de compreensão de reinvenção mental². Para ele o “anacronismo é necessário, o anacronismo é fecundo, quando o passado se revela insuficiente, até mesmo constitua um obstáculo à sua compreensão”³. O uso da reflexão crítica é necessário ao historiador da arte, pois devemos nos atentar sobre a questão do tempo sobre a imagem e a imagem sobre o tempo⁴. Assim, o historiador indica: “Não é o anacronismo o único modo possível de dar

¹ Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4247162T2>; Pós doutoranda em História pelo PPGH Unioeste. Marechal Cândido Rondon-PR, Brasil. E-mail: elainesenko@hotmail.com

² DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.23.

³ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.25.

⁴ Para este aprofundamento é importante ressaltar a análise da imagem com o sentido de natureza: “Tal associação indicada pelo próprio Aristóteles entre aspecto e forma nos leva a conceber esta última não mais como uma propriedade como que sobrenatural presente na matéria, mas antes como uma tomada de forma no apresentar-se. Uma tomada de forma que se dá tanto a modo de presença como a modo de mobilidade (kínesis). Nesse sentido, a presença está ligada a visibilidade, isto que é garantido pela forma. Tais considerações possibilitam uma compreensão da natureza a partir do que os gregos indicavam com a palavra

conta, no saber histórico, das anacronias da história real?”⁵. Revela inclusive que estudamos muito mais o sentido de memória do que ocorreu de real no passado: “(...) é a memória. É ela que decanta o passado de sua exatidão. É ela que humaniza e configura o tempo, entrelaça suas fibras, assegura suas transmissões, devotando-o a uma impureza essencial. É a memória que o historiador convoca e interroga, não exatamente ‘o passado’”⁶. Isso tudo para entendermos a porosidade do social⁷. A crítica da história se deve realizar de dentro da própria disciplina⁸.

Na parte I intitulada *Arqueologia do Anacronismo*, Didi-Huberman apresenta a crítica de Plínio, o Velho sobre a semelhança da imagem com o real⁹ e como o anacronismo é sentido como um mal estar entre os historiadores¹⁰ e não como algo que ocorre

alétheia. Esta palavra fundamental grega, ainda que traduzida pelos romanos simplesmente como “verdade” (veritas), guarda um significado de desvelamento e desencobrimento, possibilitando, assim, uma leitura alética (desvelante) da natureza. A presenciação diz do modo fundamental de mobilidade que vai da ausência para a presença, e que implica em surgimento, emergência, apresentação, mostração; permitindo assim a manifestação de algo que estava oculto e ausente. Uma tal compreensão acentua justamente o caráter emergencial dos entes, tanto no sentido de aflorar como de florescer”. SASSI, Vagner. O conceito de natureza em Aristóteles. *Scintilla*. Curitiba: Faculdade de Filosofia São Boaventura, v.1. n.2, p. 305-306, 2004.

⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.37.

⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.41.

⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.49-50.

⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.50.

⁹ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.75.

¹⁰ Nesse sentido sobre a arte na Idade Média: “Consideramos a necessidade de um entrelaçamento, no campo de análise, entre o historiador e o historiador da arte, tendo em vista que a manifestação artística possui, intrinsecamente, uma singularidade de interesses investigativos. Por exemplo, Erwin Panofsky (1991) em seu estudo sobre a arquitetura gótica, como um historiador da arte alemão, discípulo de Aby Warburg, desenvolveu vários estudos sobre o campo de análise da produção artística, envolvendo seus aspectos iconográficos e iconológicos. No pensamento do autor, é responsabilidade do historiador a tarefa de estabelecer a diferenciação entre os tempos históricos, cabendo a ele o dever de “tentar descobrir analogias entre fenômenos tão claramente distintos como a arte, a literatura, a filosofia, tendências sociais e políticas, movimentos religiosos, etc.” (PANOFSKY, 1991, p. 1). Foi justamente atuando sobre essa dificuldade que Panofsky (1991, p. 2) definiu o âmago de seu trabalho em *Arquitetura Gótica e Escolástica*: uma “tentativa cuidadosa de relacionar a arquitetura gótica e a escolástica”. O autor argumenta, inicialmente, em termos de uma coincidência no tempo (séculos XII e XIII) e no espaço (Paris e sua região) do pensamento escolástico e da arquitetura gótica, ressaltando tal paralelo em termos de um mútuo começo, apogeu e enfraquecimento

principalmente na produção artística sem grandes problemas¹¹. Inspirado por Benjamin, o autor reitera que a explicação sobre a história da arte sempre está por recomeçar sob ponto de vistas diferentes e que aos historiadores que glosaram o pensamento de Benjamin sobre a noção de aura ou da reprodutibilidade técnica, deveriam avançar em outros pontos de vista, como a conexão de arte e teoria da história¹². Warburg por sua vez teria analisado as sobrevivências históricas ao longo do tempo para compreender a arte¹³. Destarte, para Didi-Huberman: “A história da arte – a disciplina – é, portanto, uma história das profecias da arte: uma história dos acontecimentos, mas também uma história de seus a posteriori [après-coups]”¹⁴. Assim, a filosofia benjaminiana inspira o historiador da arte à refletir sobre a montagem e desmontagem da história, ou seja, a história em forma de inteligibilidade de um quebra-cabeças¹⁵.

Na parte II intitulada *Modernidade do anacronismo*, Didi-Huberman expõe a experiência crítica do historiador com acontecimentos impactantes do processo histórico. Como exemplo traz para o debate as experiências de Carl Einstein com a cultura africana (escultura) e com o modo de ver a arte na época moderna. Para Didi-Huberman: “Carl Einstein propõe, então, abandonar o iconografismo e o funcionalismo dos etnógrafos. Para isso, diz ele, é preciso ‘partir dos fatos’. Mas não dos ‘fatos’ no sentido que entenderia um historiador positivista. O ‘fato’, para Carl Einstein, é algo que ele chama ‘percepção cúbica do volume’ ou ‘experiência cúbica do espaço’”¹⁶. Além disso, para Einstein na

(PANOFSKY, 1991, p. 11)”. SENKO, Elaine Cristina. A História da Arte Medieval: um encontro entre Ocidente e Oriente em Castela do Século XIII. *Rev. Hist. UEG* - Anápolis, v.4, n.2, p. 305, ago. /dez. 2015.

¹¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.96.

¹² DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.101.

¹³ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.108.

¹⁴ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.109.

¹⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.139.

¹⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.204.

interpretação de Didi-Huberman: “Ora, pensar essa ‘crise’ no contexto da modernidade faz Carl Einstein reencontrar – mas sob uma forma inversa – a intuição teórica já posta em prática em Negerplastik: a ‘cisão do tempo’ é uma outra forma de chamar a imagem dialética, ela é apenas uma outra versão, sem dúvida generalizável em história da arte, da dialética do anacronismo”¹⁷.

Por fim, Didi-Huberman termina com o pensamento que podemos extrair a aura da história da arte, mesmo que para isso tenhamos que ser mais modestos em nosso olhar diante dos objetos de arte, das suas imagens¹⁸. A recente obra traduzida em solo brasileiro de um material dos anos 90 do autor encontra campo fértil para se disseminar e auxiliar na compreensão sobre a disciplina de História da Arte e Teoria da História. Obra, portanto, indispensável para as duas áreas do saber.

Recebido em: 15/06/2018

Aprovado em: 25/08/2018

¹⁷ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.230.

¹⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p.291.